

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO
E DA COMUNICAÇÃO APLICADAS À EDUCAÇÃO

Valéria Gonzatti

**A EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO DIGITAL NAS TOTALIDADES
INICIAIS DA MODALIDADE EJA**

Novo Hamburgo, RS
2017

Valéria Gonzatti

**A EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO DIGITAL NAS TOTALIDADES INICIAIS
DA MODALIDADE EJA**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação Aplicadas à Educação (EAD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Tecnologias de Informação e Comunicação Aplicadas à Educação.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andrea Ad Reginatto

Novo Hamburgo, RS
2017

Valéria Gonzatti

**A EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO DIGITAL NAS TOTALIDADES INICIAIS
DA MODALIDADE EJA**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação Aplicadas à Educação (EAD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Tecnologias de Informação e Comunicação Aplicadas à Educação**.

Aprovado em 28 de novembro de 2017:

Andrea Ad Reginatto, Dr^a
(Presidente/Orientadora)

Érico Marcelo Hoff do Amaral, Dr (UNIPAMPA)

Tânia Maria Moreira, Dr^a (UFSM)

Novo Hamburgo, RS

2017

A EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO DIGITAL NAS TOTALIDADES INICIAIS DA MODALIDADE EJA

THE EXPERIENCE OF DIGITAL LITERACY IN THE INITIAL TOTALITIES OF THE
EJA MODE

Valéria Gonzatti¹ e Andrea Ad Reginatto²

RESUMO

O presente artigo é fruto de inquietações acerca de minha prática como educadora da rede estadual na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os estudantes das Totalidades Iniciais estão na alfabetização. A experiência com a alfabetização digital nas turmas iniciais pode proporcionar novas e efetivas aprendizagens. Essa pesquisa seguiu um delineamento qualitativo através de estudo de caso. Os participantes foram três estudantes que frequentam as Totalidades Iniciais da EJA numa escola estadual do município de Canoas/RS. O critério de seleção foi de pertencer à modalidade EJA, ser maior de 18 anos e ser voluntário. O instrumento de pesquisa foi a entrevista semiestruturada. A análise de conteúdo identificou as seguintes categorias emergentes: “EJA – Chegada”, “Facilidades no computador”, “Dificuldades na sala digital”, “Expectativas com o computador” e “Aprender no computador”. Os resultados enfatizam a necessidade de permanente reflexão sobre a alfabetização digital e o uso dos computadores como forma de prática educacional. Neste contexto, tanto a alfabetização digital como letramento são importantes para esses estudantes, visto que o uso de computadores e internet os faz mais informados e participativos.

Palavras chaves: Educação de Jovens e Adultos (EJA); alfabetização digital.

ABSTRACT

This article is the result of concerns about my practice as an educator of the state network in the Youth and Adult Education Mode (EJA). Students of the Initial Totals are in literacy. The experience with digital literacy in the initial classes can provide new and effective learning. This research followed a qualitative design through a case study. The participants were three students who attend the EJA Total Initiatives at a state school in the municipality of Canoas / RS. The selection criterion was to belong to the EJA modality, to be over 18 years old and to be a volunteer. The research instrument was the semistructured interview. The content analysis identified the following emerging categories: "EJA - Arrival", "Computer facilities", "Digital room difficulties", "Computer expectations" and "Computer learning". The results emphasize the need for permanent reflection on digital literacy and the use of computers as a form of educational practice. In this context, both digital literacy and literacy are important for these students, since the use of computers and the Internet makes them more informed and participative.

Keywords: Youth and Adult Education (EJA); digital literacy.

1 Professora da rede Estadual de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul, autora: Especializanda pela Universidade Aberta do Brasil, PPG de Tecnologias de Informação e Comunicação Aplicadas à Educação – UFSM.

2 Professora, orientadora: Doutora em Letras/Linguística na PUCRS e Mestra em Letras pela PUCRS. Professora adjunta da UFSM.

INTRODUÇÃO

Os computadores e *smartphones* fazem parte do dia-a-dia das pessoas. O emprego de dispositivos e o acesso à internet em escolas vem crescendo com o passar dos anos. Mesmo com tais informações existem estudantes que não tem acesso ou não fazem uso dos dispositivos. Para Coscarelli (2017), o computador faz parte da vida, como do lazer e da comunicação e é uma demanda de muitos ambientes. Assim, o tema proposto para este artigo centra o olhar na alfabetização digital de estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), partindo do problema de pesquisa: Como se dá o processo de alfabetização digital em estudantes da modalidade EJA sem convívio com as Tecnologias de Informação e Comunicação? Assim, o objetivo geral foi investigar o processo de alfabetização digital de estudantes inseridos na alfabetização da modalidade EJA. Como objetivos específicos delimitam-se: I. elencar as expectativas sobre a alfabetização digital, II. relacionar as facilidades e as dificuldades da alfabetização digital de estudantes da EJA.

A ideia de construir a pesquisa que envolve o tema da alfabetização digital se justifica, pois, além de minha experiência de quinze anos na educação, a modalidade EJA é carente de recursos, tanto físicos como humanos, para o uso contínuo da sala digital. Para atender aos objetivos propostos este estudo está organizado em quatro seções como fundamentação teórica com os principais conceitos, descrição do método da pesquisa, resultados e discussão, e considerações finais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica está dividida nas seguintes seções: Modalidade EJA e Inclusão Digital. Esses pontos darão suporte teórico sobre a temática da pesquisa.

1.1 Modalidade EJA

A Educação de Jovens e Adultos por vezes é o destino daqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos na educação básica na idade própria. A

modalidade regula suas diretrizes nos princípios da LDB/96 que são: a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, a garantia de qualidade de ensino, valorização da experiência escolar anterior e vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais (LDB,1996).

Segundo a lei (LDB,1996), a EJA utiliza uma metodologia diferenciada que contempla uma análise e avaliação de estudos formais e informais do educando, a fim de situar um patamar para aprendizagem possibilitando que prossiga, de acordo com os Planos de Estudos da escola.

Sabe-se que:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge como uma medida paliativa no atendimento dessa população que retorna à escola com vistas ao mercado de trabalho. No entanto, um novo perfil de alunos adentra a essa modalidade de ensino básico, entre eles, temos o idoso (LOPES & BURGARDT,2012, p.312).

Desta forma a modalidade EJA atende pessoas com diferentes histórias de vida. A aprendizagem formal da escola regular deve integrar os aprendizados de vida relacionados aos estudos informais dos estudantes. A prioridade, para essa população, será além da permanência nos bancos escolares a promoção da cidadania integrando saberes antigos e atualizados.

1.2 Inclusão Digital

Inclusão digital não é somente oferecer computadores para garantir a educação e o aprendizado dos estudantes. A oferta de equipamentos é condição necessária, mas não suficiente para se realizar uma verdadeira inclusão digital. A inclusão digital ocorre quando o indivíduo utiliza a informática como um meio de acesso à educação, ao trabalho, às relações sociais, à comunicação e ao exercício de sua cidadania. Incluir o indivíduo digital e socialmente requer ações que lhe ofereçam condições de autonomia e habilidade cognitiva para compreender e atuar na sociedade informacional (DE SOUZA SILVA, SILVA; DE ALBUQUERQUE, 2016).

Os educandos que frequentam as sala de aula da modalidade em estudo estão, mesmo analfabetos, imersos em novas tecnologias (DA SILVA; AZEVEDO; DE ANDRADE,2012). Aos estudantes maiores de 60 anos, procura-se rever o

currículo, a maneira de propor os conteúdos, as metodologias, o material didático e a possível utilização das tecnologias. Para Lopes e Burgardt (2012), o computador é uma das ferramentas que produzirá novos métodos de alfabetização, no qual os educadores poderão propor atividades que irão atender peculiaridades dos idosos, como tamanho de letra.

O retorno às salas de aula com objetivo de retomar ao mundo e, possivelmente, ao mercado de trabalho, traz as questões do uso digital devido às ocupações laborais e também a participação na sociedade (LOPES & BURGARDT, 2012). Assim, a alfabetização digital não será somente um novo espaço de escrita, será também um novo significado de mundo e espaços de circulação. Assim, os alfabetizados, fazem parte do grupo que consegue, efetivamente, ser competente em diferentes eventos de letramento (comunicação visual, auditiva, espacial). Um desses eventos pode ser o uso de computadores em uma sala digital. O estudante alfabetizado será aquele que sabe ler e escrever. O estudante letrado será capaz de ler e escrever, mas que corresponde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa em questão terá delineamento descritivo de cunho qualitativo caracterizando um estudo de caso. Para Yin (2005) o estudo de caso possibilita uma investigação que busca preservar as características holísticas e significativas dos eventos. Os sujeitos deste estudo participaram de entrevistas que são fontes essenciais de informações para estudos de caso. Com as entrevistas foi possível construir as categorias e analisar os conteúdos emergentes. A análise de conteúdo se constitui a fim de descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. Desta forma, a análise de conteúdo é composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores sejam eles quantitativos ou qualitativos, permitindo a realização de inferência de conhecimentos (BARDIN, 1977).

De acordo com Moraes (2006) o primeiro passo metodológico é a interpretação da leitura na busca de sentido para as unidades de base dos dados coletados. Neste ponto da análise se buscou separar aquilo que é importante e depois elencar as unidades de sentido. Estes passos fazem o pesquisador conhecer

o que está por trás de cada mensagem. A categorização, para Minayo (2007), consiste num processo de redução do texto às palavras e expressões significativas. Na perspectiva da análise do conteúdo (BARDIN,1977), as categorias são vistas como sinais ou camadas que agrupam determinados elementos reunindo características comuns.

Em relação ao contexto da investigação para coleta de material, a pesquisa foi desenvolvida em uma escola estadual. Na Modalidade EJA, objeto do estudo de caso, existem estudantes de diferentes faixas etárias (15 aos 70 anos) e momentos de aprendizagem (início do processo de alfabetização, retorno aos bancos escolares ou troca de turno). São características do público das Totalidades Iniciais da EJA analfabetos, alfabetizados e estudantes com deficiência intelectual.

Foram participantes do estudo os educandos das Totalidades Iniciais (T1 e T2) da escola da rede estadual do município de Canoas que, após assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), aceitaram participar da entrevista. Os critérios de inclusão foram (1) ser estudante da modalidade EJA na escola proposta, (2) ter idade superior a 18 anos, (3) aceitar participar da pesquisa. Os critérios de exclusão foram (1) ter idade inferior a 18 anos, (2) discordar em participar do estudo e (3) apresentar problemas sensoriais primários (auditivo e visual) não corrigidos (uso de aparelho auditivo ou óculos) durante o momento da avaliação. Aos participantes do estudo foi garantido sigilo quanto à sua identidade, sendo informados que sua identidade não seria divulgada e que a participação seria voluntária, que a qualquer momento poderia se retirar do estudo.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas contendo questões referentes à alfabetização e letramento digital. As questões que nortearam a entrevista foram: Como viestes a estudar na Modalidade EJA? Como é pra ti usar a sala digital aqui na EJA? Quais as tuas expectativas em relação ao uso de computadores e internet? Saberias me dizer se a tecnologia possibilita um melhor aprendizado? O estudo seguiu os critérios éticos necessários referentes aos termos consentimentos informados devidamente esclarecidos, voluntariedade e anonimato dos envolvidos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise e discussão dos resultados serão apresentados nessa seção com a apresentação das categorias emergentes das entrevistas com os estudantes. Assim, participaram do presente estudo três estudantes da Modalidade EJA do ensino fundamental de uma escola estadual do município de Canoas/RS. Os voluntários do estudo foram um estudante adulto, com deficiência intelectual leve, empregado pelo sistema de cotas; uma senhora cinquentenária empregada como cuidadora de idosos; e uma jovem adulta com deficiência intelectual leve e desempregada.

Partindo das entrevistas e preservando a identidade dos estudantes optou-se pôr utilizar E1 para as falas do estudante 1, seguindo por E2 para as falas do estudante 3 e E3 para as falas do estudante 3.

3.1 Análise do conteúdo e categorias

As categorias emergentes das entrevistas foram: 1.Categoria: EJA – Chegada; 2.Categoria: Facilidade no computador; 3.Categoria: Dificuldades na sala digital; 4. Categoria: Expectativas com o computador e Categoria 5: Aprender no computador.

3.1.1 CATEGORIA: EJA – Chegada

A categoria apresenta as percepções acerca de como os estudantes chegaram na modalidade. Os entrevistados tiveram diferentes chegadas na modalidade EJA como busca após anos sem estudar e a vontade de trocar de escola.

“Aqui é bom... Eu queria vir sozinho, aí vim de noite.” E1

Bins (2007) salienta que enquanto a educação não conseguir atender às tantas adversidades sociais que se instalaram em nossa sociedade, à EJA, enquanto lugar de ensino de excluídos do sistema escolar, social e de aprendizagem terá que prover as necessidades básicas dos sujeitos em seu direito à qualidade de vida. Ou seja, a EJA tomará pra si, como já acontece em diversas escolas, um papel do Estado e que por vezes não conseguirá dar conta da demanda que recebe.

“Daí pedi pra várias pessoas, pra minha filha também. Procura na internet, pra mim, e vê se consegue. Ai ela disse, vou fazer isso então. Ela pesquisou e encontrou o colégio Canoas. Olha mãe, tem esse colégio aqui.” E2

Moraes (2009) lembra que a EJA, além de ser um lugar ocupado pelos segmentos discriminados da sociedade brasileira, é também um espaço educacional que assume a diversidade como tônica dessa educação que, historicamente, foi tratada pelas políticas públicas como produção da conformidade. Além de ressaltar a importância da EJA como espaço sociocultural – no qual os jovens e adultos têm autonomia sobre o que falam e o que ouvem.

“Eu já estudava faz tempo... só que eu sai e agora eu entrei de novo. Tinha parado e voltei a estudar. Tinha parado depois voltei.” E3

Nas falas dos estudantes se observa o desejo de mudança, a busca pelo ensino e questões relacionadas a desistências e retorno aos bancos escolares.

3.1.2 CATEGORIA: Facilidades no computador

A categoria apresenta as facilidades elencadas sobre o uso do computador na sala digital da escola.

“Pra mim é muito bom, é maravilhoso, eu adoro, né. Eu pesquiso tanto música quanto...Ontem, por exemplo, a gente pesquisou sobre Canoas, depois pesquisei sobre receitas maravilhosa que eu gosto de fazer comida, né. Eu gosto muito!” E2

“Olha...agora porque eu muito pouco usava, uso. Muito pouco, quase nada. Agora tá sendo muito bom. Eu agora eu já sei ligar ele, já sei desligar, sabe... pesquisá já. Pra mim agora tá sendo fácil.” E2

“Eu aprendo um monte de coisa, assim.... Quando a cabeça da gente fica coisado... quando eu tô com dor de cabeça eu paro um pouco.” E1

“As letras é fácil.” E3

“É bom olhar, pesquisar a internet, pesquisar as pessoas...mexeno ontem eu apertei sem querer e pesquisei. É bem legal, assim.” E1

O discurso dos estudantes nessa categoria os coloca como participantes dos momentos digitais da escola. Os alunos relatam as questões de pesquisa, manejo no dispositivo e facilidades no reconhecimento das letras, que na totalidade de alfabetização é admirável.

3.1.3 CATEGORIA: Dificuldades na sala digital

A categoria elenca as dificuldades acerca das vivências que aparecem no contexto do uso da sala digital.

“É quando eu mexo assim, de colocar de cima pra baixo (faz o gesto como se usasse o mouse). É ruim eu fico assim, pôr pra cima eu sei.” E1

“Eu acho que a gente pode aprendê muito coisa, né. Porque inclusive, como eu tava dizendo pra senhora, a gente deu prioridade, lá em casa, a reforma da casa. Mas agora, assim, faz muita falta.” E2

Stobäus, Bins e Mosquera (2012) e Bins (2007) refletem sobre a aprendizagem como processo que possibilita a inclusão social efetiva de adultos, entendendo a contextualização e conhecimentos teóricos sobre inclusão.

“Senha é mais difícil.” E3

“Escrever aquelas palavra comprida é difícil. Escrever palavra comprida no computador.” E3

Para Coscarelli (2017), os ambientes digitais, cada vez mais presentes tanto em nossa vida tanto pessoal quanto profissional, requisitam muitas habilidades relacionadas à leitura e à escrita. Como no exposto pelos estudantes elencando suas dificuldades (digitar a senha, escrever palavras compridas e no uso do dispositivo mouse).

3.1.4 CATEGORIA: Expectativas com o computador

A categoria traz as expectativas sobre o uso do computador.

“Eu gosto de pensar, eu não tenho computador, mas eu gosto de mexer aqui. Ler as coisas nos computador.” E1

“É muita coisa, né, coisa boa, né! Tanto pro colégio como pra casa da gente, quanto pra gente. Até conversar com as gentes, falar com meus familiares em Santa Catarina, eles moram lá. Então é muito importante, né, muito!” E2

Para Nunciato (2009) o computador pode contribuir não apenas para a inclusão digital mas também como uma motivação à aprendizagem. Com isso os estudantes podem se apropriar de questões para além da sala digital como contatar pessoas, descobrir fatos e participar de conversas familiares.

“Aprendê mais coisa! Aprender mais coisas pra mim passar de ano, que a minha mãe espera também. E quando tiver maior, fazer bem curso, bem crescido... Quero ser confeitira!” E3

A educação necessita fazer parte das novas tecnologias e com isso passar por várias transformações. Colegas educadores precisam estar prontos para receber informações de quaisquer meios e avaliar a relevância de cada uma. E assim, serem capazes de proporcionar a inclusão digital. É de suma importância que a atuação qualificada e integrada seja capaz de orientar o trabalho nas escolas e com isso proporciona a alfabetização digital (DE SOUZA SILVA; SILVA; DE ALBUQUERQUE, 2016).

3.1.5 CATEGORIA: Aprender no computador

A categoria demonstra as principais questões referentes a aprendizagem no ambiente digital.

“É pra olhar coisas que ... coisa bonitas, olha os países... olhar os jogos, olhar as pessoas... A cabeça da gente fica melhor!” E1

“Eu gosto de pensar, só... quando eu não tenho, eu não tenho computador, mas eu gosto de mexer, no joguinho, pego o livro pra ler, mas eu gosto de mexer aqui. Ler as coisas, ler os computador.” E1

“Vê o mundo, assim, no computador. Aprender coisas novas pra ir pra frente, o negócio é ir pra frente, pra trás não. Pra frente é mais bom.” E1

“Ela dá muita informação, dá... meios, né, da gente de pesquisar coisa importante, né. A gente consegue sim... tem tanta coisa que a gente consegue, né, fazer, né, aprende né, com o computador, né.” E2

De acordo com o INEP (2012) no Censo Escolar 2011 mostra que os alunos que dos anos iniciais do ensino fundamental da EJA têm idade muito superior aos que frequentam os anos finais. Isso implica que as totalidades iniciais não estão causando demanda para os anos finais do ensino fundamental na EJA. Considerando as idades dos alunos nos anos finais do ensino fundamental da EJA, há fortes evidências de que essa modalidade está recebendo alunos provenientes do ensino regular. Tal fator é muito comum na escola estudada e no perfil atual da clientela escolar no qual há poucos adultos e muitos adolescentes, por isso o número tão reduzido de participantes no estudo.

“Os joguinhos, as coisas que tem no computadô ... O que têm? i...tem bastante coisa... Escutar música, vê as coisas que a professora pede, pesquisá! O mais difícil é a senha!” E3

O fato que se observou no decorrer do trabalho é que a escola recebe o desafio da inclusão digital. E o que se espera, ou se almeja não seria uma inclusão de fachada, mas transformadora a fim de promover melhoras significativas na qualidade de vida destes estudantes. A inclusão digital não é somente oferecer computadores para o aprendizado dos estudantes. Alfabetização digital (letramento) deverá incluir o sujeito socialmente, a fim de oferecer condições de autonomia e habilidade cognitiva para compreender e atuar atual sociedade (DE SOUZA SILVA, SILVA; DE ALBUQUERQUE, 2016).

Enfim, reconhecer os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, valorizando, respeitando e reconhecendo as capacidades dos educandos pode auxiliar para que se possa desmistificar a relação com as tecnologias. Silva & Castro (2017) afirmam que com a chegada das tecnologias informacionais no ambiente escolar, existe a necessidade de se discutir a importância de uma nova modalidade de letramento além do alfabético: o letramento digital.

CONCLUSÃO

A alfabetização digital é uma necessidade atual. Na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas turmas iniciais, isso se torna um impecilho visto que a disponibilização de materiais didáticos para essa modalidade é escassa e muitos educandos, na maioria idosos, não tem acesso em suas residências. A modalidade é carente de recursos, tanto físicos como humanos, para o uso contínuo da sala digital. Com a turma de alfabetização da modalidade EJA, na maioria adultos e /ou idosos, que retornaram aos bancos escolares em busca de satisfação pessoal, ler sozinho é um desafio. A alfabetização digital os colocará em outro “mundo”. Desta forma, pesquisar sobre esse tema se torna relevante.

A metodologia proposta para a Modalidade EJA preocupa-se não somente com a qualidade metodológica e técnica para a aprendizagem efetiva, mas também com a formação e ampliação das potencialidades dos educandos e a reestruturação de valores, visando garantir o desenvolvimento e formação de cidadãos críticos e autônomos capazes de interagir em sociedade. Os conteúdos devem ser significativos, construídos e trabalhados, considerando a capacidade do educando, suas possibilidades cognitivas e afetivas, respeitando os conhecimentos adquiridos pelos jovens e adultos na sua vida cotidiana. Na avaliação da produção do

conhecimento, os aspectos qualitativos preponderam sobre os aspectos quantitativos, em relação a todas as áreas do conhecimento escolar.

A EJA, principalmente, nas suas práticas pedagógicas deve poder considerar o alunado nas suas demandas específicas; e os conteúdos curriculares a serem utilizados para essa clientela devem acolher os anseios e desejos desses jovens e adultos em vivenciar no ambiente educacional experiências que enriquecem suas vidas. Portanto, utilizar-se de ferramentas e dispositivos tecnológicos implica na promoção de práticas sociais de leitura e escrita em contextos que irão além dos conteúdos de alfabetização regular, ou os esperados pelos educandos da modalidade EJA. As diferentes tecnologias de escrita irão proporcionar diferentes alfabetizações (DA SILVA, AZEVEDO, DE ANDRADE, 2012; LOPES & BURGARDT, 2012). Com o intuito de verificar como isso acontece na modalidade, elencando as possíveis formas de alfabetização e letramento digital esse trabalho se tornou válido.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. A. **Política Nacional de Educação Especial no Brasil: passos para uma perspectiva inclusiva?** In: MARTINS, L. PIRES, J.; PIRES, G.; MELO, F. (Org.). Práticas inclusivas no sistema de ensino e em outros contextos. Natal: EDUFRRN, 2008, P.19-33.

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BINS, K. L. G. (2007). **Aspectos psicossocioculturais envolvidos na alfabetização de jovens e adultos deficientes mentais**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da PUCRS, Porto Alegre.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília/DF, 1996.

COSCARELLI, C. V. **Letramento digital no INAF**. Linguagem e Ensino, v. 20, n. 1, 2017.

DA SILVA, N.; AZEVEDO, C.; DE ANDRADE, M. S. **A relação entre escolaridade e uso do computador: aspectos quantitativos de um estudo de caso junto a adultos pouco escolarizados na cidade de São Paulo**. Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, v. 6, n. 12, p. 7-24, 2012. Disponível em: <www.revistas.usp.br/reaa/article/view/45583>. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

DE SOUZA SILVA, J.; SILVA, E.; DE ALBUQUERQUE, C. H. **Alfabetização Digital para Professores da Educação Básica: Um Relato de Experiência**. In: Anais do Workshop de Informática na Escola. 2016. p. 855. Disponível em: <

ie.org/pub/index.php/wie/article/download/6629/4540>. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

DOS SANTOS, J.B.; PESCE, L. As Tecnologias Digitais Da Informação E Da Comunicação Nos Contextos Da Educação De Jovens E Adultos: Uma Revisão De Literatura (2007-2014). **Olh@res**, v. 4, n. 1, p. 86-106, 2016.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica: 2011 – resumo técnico**. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012.

LIMA, S. C.; ALMEIDA, L. V. O. S. **Letramento digital de idoso no contexto da EJA em Mossoró-RN**. #Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, v. 4, n. 1, 2015.

LOPES, A.P. N.; BURGARDT, V. M. Idoso: um perfil de alunos na eja e no mercado de trabalho. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 18, n.2, 2013.

MORAES, S.C. **Alunos “diferentes” e saberes docentes**. In: LOCH, J. M. P. et al. EJA planejamento, metodologias e avaliações. Porto Alegre: Editora Mediação, p. 91-98, 2009.

MORAES, S.C. **Socializando as reflexões sobre a criação do SEJA**. In: Nogueira, Sandra Vidal et al. Saberes e práticas de ensino e pesquisa. Canoas: Unilasalle, p. 87-96, 2006.

NUNCIATO, R.C. **Inclusão Digital: Uma Experiência com Alunos da EJA**. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. 2009.

SILVA, A.; SILVA, E. M. Práticas de letramento digital de nativos e imigrantes digitais na organização do trabalho pedagógico de sala de aula na EJA. In: **Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE)(ISSN 2447-8687)**. 2017.

SILVA, W. B.; CASTRO, P. A. Perseu e Medusa: Os Enfrentamentos das Práticas Escolares de Letramento Digital do Professor. **e-Mosaicos**, v. 6, n. 11, p. 64-72, 2017.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, 2002.

STOBÄUS, C. D.; BINS, K. G.; MOSQUERA, J. J. M. Adulter e deficiência mental na educação inclusiva. **Revista Educação Especial**, v. 25, n. 43, 2012.

Yin, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 3. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.